JARDIM, EVOCAÇÕES HISTÓRICAS E SUAVES RELEMBRANÇAS

J. C. Alencar Araripe

Costumam incluir-me entre os filhos ilustres de Jardim. Quanto ao qualificativo fica por conta de quem o empregar. Agora, que nasci na bonita e acolhedora cidadezinha do Sul cearense, isso é verdade patente. Nasci em Jardim, mas nela não me criei.

Meu pai, Otaviano Cícero de Alencar Araripe, parece que tinha alma de cigano. Talvez por força de atividades que desenvolveu, como Promotor de Justiça e advogado. Hoje estava aqui, amanhã, acolá. E, assim, perambulei por várias cidades. Aquela em que passei menos tempo foi, por sinal, Jardim.

Tinha apenas seis meses quando meus pais se mudaram para Icó e ali se demoraram alguns anos, de tal forma que as minhas lembranças mais remotas são dessa época, envolvendo o sobradão em que residimos e que revi, homem feito, com funda emoção.

Depois vieram Várzea Alegre, Cedro, Crato, Araripe e, novamente, Várzea Alegre, onde meu pai se finou. Só vim a conhecer Jardim quando tinha 18 anos. Havendo residido em Crato em duas oportunidades, e por dilatados períodos, estranho que não tenha antes visitado a terra natal, onde montara tenda minha família pelo lado materno. Existe apenas uma explicação plausível. Meus pais eram pessoas de idade, somente viajavam premidos por necessidades. E como eu era filho único do terceiro matrimônio do velho patriarca, cercado, portanto, de mimos e desvelos extremos, conservaram-me preso à sua companhia.

Minha mãe, porém, falava-me com freqüência de Jardim, com expressões de ternura que traduziam o seu bem-querer. Ali vivera parte da sua mocidade e recordava com encantamento passagens para

ela inesquecíveis. Ademais, familiares jardinenses que demandavam o Crato, quando não se hospedavam em nossa casa, distinguiam-nos com a sua visita. Entreteciam-se os laços de afetividade e de amor à terra-berço.

Quando fui pela primeira vez a Jardim, ao descer a serra, o coração batia mais forte. Estava deslumbrado diante do panorama que descortinava, o casário lá em baixo rodeado de vegetação densa e o cheiro bom que recendia das flores silvestres que marginavam o caminho.

A gente nem sempre faz o que é de seu agrado. As solicitações são tantas, neste mundão que absorve e entontece até, que muitas vezes vão ficando para trás apelos sentimentais que partem do mais íntimo de cada um de nós. Mas bem que eu gostaria de espairecer, vez por outra, no Jardim, para privar da covivência com os parentes, gozar do clima delicioso, embrenhar-me naqueles sítios aprazíveis ao pé da serra, viver a beleza dos canaviais.

Pelo menos em espírito, satisfiz essa aspiração com o livro que a Professora Maria Alacoque de Lima Pereira acaba de elaborar e que me transportou, nas asas do pensamento, ao rincão querido. Em Jardim, sua história e sua gente, a Autora vai às origens da cidadezinha, acompanha os seus primeiros passos, as famílias pioneiras que desbravaram a região, o começo do culto religioso que fez de Santo Antônio o centro da devoção popular, incursiona pela política e suas lutas, sobretudo as que provocaram verdadeira guerra civil no Estado, anota as conquistas realizadas no campo da instrução, relaciona personalidades de destaque que nasceram em Jardim, reúne dados estatísticos sobre diferentes setores de atividade. A Professora Alacoque presta, deste modo, um serviço a Jardim, credenciando-se, pela iniciativa, a louvores irrestritos.

* * *

A quem vê Jardim, no bucólico recolhimento ao sopé do Araripe, ambiente natural de doçura e amenidade, que enleva e atrai, custa-lhe crer tenha sido, no século passado, cenário de tanta violência e o local de onde partiram as legiões do caudilho Joaquim Pinto Madeira.

Rocha Pombo, em **História do Brasil,** no capítulo dedicado à Regência, reporta-se às sedições e levantes que ocorreram pelo País em fora após a abdicação de Pedro I. A certa altura, observa: "De todas as províncias onde reinava a discórdia, a mais convulsionada era a do Ceará".

O alegado motivo da agitação era a partida do Primeiro Imperador para Portugal e o movimento em favor da sua volta, ou seja, a Restauração. Não há dúvida, porém, que causas locais, próximas e remotas, concorreram para o irrompimento da turbulência.

Para a cabralhada agrupada em bandos, analfabetos, guiados pelo institnto, sem ideais e sem princípios, entregues aos impulsos selvagens alimentados pela bebedeira, que significava a distante figura do Imperador? Seguia as naturais lideranças da região, nem sempre esclarecidas e sensatas, movidas pelo desejo de represália e vingança, interessadas em manter e prolongar a influência e o mando.

As desavenças e antagonismos entre os povos de Jardim e os de Crato, como se dizia nos documentos da época, vinham de longe. Acentuaram-se nas revoluções de 17 e 24 e no movimento em prol da elevação de Jardim à categoria de vila, separando-a do Crato, a que estava subordinada. Era o choque entre imperialistas ou realistas e republicanos ou liberais.

João Brígido relata atrocidades inomináveis praticadas pelos dois lados. Alguns episódios são ilustrativos. Quando os republicanos tomaram Jardim, colocaram os prisioneiros em um quadrado, espancaram-nos a cacete até expirarem, arrastaram-nos pelas pernas e os atiraram dentro da matriz, para serem sepultados. Os realistas, por seu turno, ao ocuparem Crato, esbandalharam tudo e até a matriz foi saqueada. O Padre Estevão José de Porciúncula, ex-secretário de Filgueiras, "foi cercado na ocasião em que dizia missa em sua matriz e, daí arrancado, sofreu morte ignominiosa, sendo seu cadáver castrado e deixado no meio da rua, aos insultos de uma cabraria bêbada, assassina e andrajosa, que metia horror. Essas gentes fizeram do Jardim seu receptáculo".

João Brígido registra: "Bandos saídos de Jardim prenderam nas caatingas de Pernambuco a Inácio Tavares de Benevides, e amarrado o trouxeram para a vila, onde fizeram-no passear ligado com duas cordas, puxado pelas quais caía ora de bruços, ora de costas. Depois de assim martirizado, moeram-no a cacete, e lançaram-no em uma fogueira adrede preparada, onde morreu dando gritos de dor, que eram respondidos pelas vaias da canalhada!"

A revolta, que explodiu no final de 1831 e se prolongou por vários meses de 1832, veio, assim, no rastilho das revoluções de 1817 e 1824 e de acontecimentos outros, localizados, anteriores e posteriores àqueles dois significativos eventos políticos. Como origens imediatas da conflagração são apontadas as devassas ordenadas contra jardinenses e a anulação das promoções de Pinto Madeira a tenente-coro-

nel e coronel, consideradas irregulares pela Regência.

Na preparação do levante e no seu desencadeamento exerceu papel relevante o Vigário de Jardim, Padre Antônio Manuel de Sousa. Com as suas prédicas no recinto da própria matriz da vila e em trabalho pessoal e constante foi elemento precioso na arregimentação. Chegou ao cúmulo de nela envolver a religião, benzendo os cacetes com os quais os cabras se armavam para a peleja.

Pinto Madeira desceu a serra, bateu-se em Buriti e derrotou as tropas governistas, atacou Crato e apoderou-se da vila, mais uma vez oprimida e saqueada. Em seguida, a 2 de janeiro de 1832, lançou proclamação, que Irineu Pinheiro transcreve em **Efemérides do Cariri,** precioso repositório histório. Ei-la, na íntegra: "Brasileiros! Estou em campos; reuni-vos a mim, e vamos desafrontar a nossa honra tão manchada por essa vil escória de sevandijas, que com o título de liberais têm feito viva guerra à religião e ao trono do melhor dos soberanos. Brasileiros! Nem mais um dia devemos esperar, e mostraremos ao mundo inteiro nosso ressentimento quanto ao extraordinário insulto feito ao nosso adorado imperador, o senhor D. Pedro I, no sempre execrável dia 7 de abril! Dia, enfim, que sepultará para sempre a honra brasileira no túmulo infernal da ingratidão e do opróbrio, se um rompimento inesperado, se uma vingança terrível contra os malvados não aparecer nesta ocasião para nos separar do número deles. Brasileiros! O senhor D. Pedro I, nosso adorado Defensor Perpétuo, foi insultado e esbulhado de nosso solo e dentre nós; porém há de ser vingado por nós! Brasileiros! Às armas! Vamos dar fim à obra gloriosa por nós encetada! Os malvados não nos resistem, pois seus mesmos crimes os fazem covardes, enquanto que nossa atitude e a santidade de nossa causa redobram nossos esforços, o que praticamente já foi demonstrado no campo da honra do Buriti. Brasileiros! Estou à vossa frente com três mil e oitocentos heróis bem armados e municiados, e jamais retrogradarei meus passos sem que ainda no mais remoto canto do Brasil se não respeite a religião de nossos pais e o trono do senhor D. Pedro I. E, em abono disto quanto vos acabo de dizer, só vos recomendo que, **se eu avançar – segui-me; se fugir – matai-me; e se eu morrer – vingai-me com a conclusão de nossa honra.** Brasileiros! Viva a Religião Católica Apostólica Romana de Nosso Senhor Jesus Cristo! Viva nosso adorado imperador e senhor D. Pedro I e sua augusta dinastia! Vivam os bons fiéis brasileiros, em geral, e, em particular, os habitantes de Jardim!"

A rebelião prolongou-se até outubro, com ferozes combates em Barbalha, Missão Velha, Várzea Alegre e diferentes outros lugares.

A luta alcançou Icó, onde se refugiara o grosso da tropa governista, e a vila não resistiu ao ataque, sendo ocupada por algumas horas.

O próprio Presidente da Província, José Mariano de Albuquerque Cavalcante, dirigiu-se ao interior para orientar pessoalmente a repressão. Viu coroadas de êxito os seus esforços. De vitória em vitória, conseguiu quebrantar o ânimo dos revoltados, empurrá-los de volta ao Cariri, recuperar Missão Velha, Crato, Barbalha e Jardim, o foco central da sedição.

Conta João Brígido este fato, que dá uma idéia da ferocidade do entrevero: Em Icó, uma escolta recebeu a incumbência de trazer a Fortaleza 20 prisioneiros **pintistas.** A caminho, em Jaguaribe-Mirim, foram, todos, torturados e assassinados. A escolta retornou ao Icó com a versão de que os presos, depois de jantarem carne com pirão escaldado, morreram estuporados na travessia do rio...

A mando do Governo da Regência veio ao Ceará o General Pedro Labatut, com tropas do Rio e de Pernambuco, e que assumiu o comando geral das operações. Pinto Madeira, que ainda tinha grupos em ação, compreendeu, então, não reunir mais condições de resistência. Em carta ao General Labatut, comprometeu-se a depor armas com o vigário Antônio Manuel de Sousa, desde que fossem enviados ao Rio de Janeiro, à disposição da Regência. A condição foi aceita, o general adotou as providências que lhe cabiam, mas que, por estranhos desígnios, não se cumpriram.

De Recife, Pinto Madeira e o vigário Antônio Manuel de Sousa voltaram a Fortaleza, depois foram enviados ao Maranhão, de onde retornaram a Fortaleza e daqui encaminhados ao Crato. O juri dessa vila condenou Pinto Madeira à forca, sob o pretexto de ter sido o autor do assassínio do português Joaquim Pinto Cidade. Não lhe concederam o direito de apelar para o juri de Fortaleza, como a lei facultava. Apenas aquiesceram em trocar a forca pelo fuzilamento, o que se verificou a 28 de novembro de 1834.

Desse crime jurídico, como o denominou Raimundo Girão, escapou o Padre Antônio Manuel. O seu julgamento ocorreu somente em 1837, já amainados os ódios. Foi absolvido, morreu cego, pobre e desiludido dos seus ardores patrióticos, diz o historiador.

Uma das personagens projetadas no livro da Professora Maria Alacoque de Lima Pereira é o Tenente-Coronel da Guarda Nacional José Caminha de Anchieta Gondim, figura de prol da sociedade jardinense, de muitas luzes e influência, que constituiu numerosa e distinguida família. Foi político de prestígio, vereador e prefeito de Jardim por dilatado período, professor e farmacêutico de nomeada (fazia às

vezes de médico), proprietário da Farmácia Daudet, ainda hoje existente, sob a direção do filho Lourival, que lhe sucedeu.

O 2º volume do **Dicionário Bibliográfico Cearense,** do Barão de Studart, encerra registro a respeito de José Caminha de Anchieta Gondim, com dados acerca dos ascendentes paternos e maternos, dos seus dois primeiros casamentos (chegou a consorciar-se quatro vezes), da condição de Oficial da Guarda Nacional, na patente de Tenente-Coronel Comandante do 21º Batalhão de Infantaria da Comarca de Jardim, do professor de Matemática do Clube Literário Jardinense, do vereador à Câmara Municipal e do dirigente do jornal **A Pátria,** que publicou em novembro de 1908.

Era irmão de minha mãe, Joana Caminha Gondim Araripe, que lhe dedicava grande afeição, tanto que deu o seu nome ao filho, e de quem o fez padrinho de Batismo. Conheci-o em circunstâncias singulares. Meus pais já moravam em Cedro quando, certo dia, houve um alvoroço em frente à nossa casa. Era uma cavalgada transportando meu tio e padrinho e sua família.

Por essa época, creio que 1926, o Ceará agitava-se com a presença da Coluna Prestes. Como meu tio era pessoa ligada à situação dominante e não se sentia em segurança em Jardim, procurou refúgio no Cedro, cidade servida por via férrea, aonde podiam chegar com relativa facilidade reforços policiais. Aliás, da calçada da nossa casa presenciei, em mais de uma ocasião, a passagem de trens cheios de soldados que iam para o Cariri.

Por falar em Coluna Prestes, não seria despropositado aludir a este outro fato decorrente do movimento revolucionário então em curso: certa noite, bateu à porta de nossa casa um viajante extenuado de longa viagem. Tratava-se de Ademar Távora, que procurava escapar à perseguição governamental. Era irmão de Juarez Távora, um dos chefes da Coluna Prestes, e suspeito de manter ligações com a rebelião em marcha. Depois de recuperar-se da cansativa jornada, partiu certa madrugada, para onde é que não sei.

Ignoro quais eram as inclinações de meu pai no tocante à Coluna Prestes. O certo é que, pelo visto, aos seus préstimos recorriam os que se julgavam ameaçados pelo movimento e os que se colocavam no outro extremo, isto é, com ele simpatizavam ou eram tidos como simpatizantes.

Crato foi o cenário onde me familiarizei com meu tio e padrinho. Chamavam-no de Dudé, uma forma aportuguesada mais simples, portanto, do francês Daudet, nome que dera à sua farmácia em Jardim e a qual se ligara tão intimamente. Interesses comerciais o traziam, vez

por outra, ao Crato. Estabeleceu-se a convivência que antes não tivéramos.

Como gostava das suas visitas! Primeiro, porque, à hora das refeições, impedia que mamãe violasse a minha inapetência, obrigando-me a comer o que não queria. Sempre tratou as crianças com muita afabilidade. O que se passou comigo, meninote, vi reproduzir-se com filhos meus em seu próprio lar.

Depois, tio Dudé possuía um automóvel Ford, coisa rara naquele tempo. Fora, nesse tocante, como em relação ao gramofone, o pioneiro em Jardim. Depois de satisfeitos os seus compromissos no Crato, lá se mandava, e eu com ele e mais alguém, para o Sítio Recreio, da filha Lindonoura, casada com Celso Gomes de Matos. Na metade da ladeira da Matança, o Ford estancava. Todo mundo descia, calços de pedra eram colocados nas rodas. A seguir, com a carga menor, o carro tomava fôlego e vencia o resto da subida. Nunca ouvi uma reclamação do tio Dudé. Enfrentava a situação com calma e naturalidade.

Jamais me defrontei com ele que não estivesse de paletó, colete e gravata. Até mesmo na hora do café matinal. Os homens respeitáveis de antanho não se descuidavam da indumentária, nem toleravam que os outros o fizessem impunemente. Meu pai era um deles e, nesse ponto, como sob outros aspectos, tinha muita afinidade com tio Dudé. João Pinto recordava-me um dia desses que, em sessão do Juri, a que assistiu, em Lavras da Mangabeira, meu pai, como promotor, recusou um jurado por encontrar-se impropriamente trajado.

Do meu tio Dudé ficaram-me imagens indeléveis que os anos não esmaecem. Era homem inteligente, operoso, dotado de vivacidade, delicado, cordial e bom.

* * *

Um outro nome evocado pela Professora Maria Alacoque de Lima Pereira, e que ouvi criança ainda, nas recordações de minha mãe, é o do Padre Miguel Coelho de Sá Barreto. Como o meu tio José Caminha de Anchieta Gondim, está no **Dicionário Bibliográfico Cearense,** do Barão de Studart. Nem poderia ocorrer o contrário.

Padre Miguel Coelho, filho de Barbalha, granjeou renome, que não ficou restrito a esta ou aquela paróquia do Sul do Estado. Possuidor de inteligência vivíssima, que soube cultivar com esmero no Seminário, projetou-se, depois de ordenado, como professor no Crato, vigário em Jardim e orador sacro de inesgotáveis recursos.

Foi notável a sua atuação, tanto no campo cultural como no edu-

cacional. Pertenceu ao Instituto do Ceará, de Fortaleza, como sócio correspondente. Fundou em Jardim instituição de natureza educacional, o Clube Literário Jardinense. Esse educandário e o Colégio 24 de Abril, do professor e juiz Francisco de Lima Botelho, representaram o esforço mais tenaz e proveitoso desenvolvido em Jardim, no final do século passado e começo do atual, em prol da educação, uma vez que o Governo do Estado não ia além do oferecimento do ensino primário.

Se, como se costuma afirmar, a escola tem no professor uma das suas molas mestras, se o seu sustentáculo maior é o corpo docente, podemos formar um juízo muito favorável do Colégio 24 de Abril pelos mestres que nele lecionavam, conforme a relação apresentada em **Jardim, sua história e sua gente,** e entre os quais avultavam o Dr. Botelho, diretor do estabelecimento, José Caminha de Anchieta Gondim, Juvêncio Santana, que foi magistrado de projeção, e Joaquim Alves, escritor, sociólogo e professor que brilhou na Capital do Estado.

O Clube Literário Jardinense, que antecedeu de vários anos o 24 de Abril, reuniu o que não seria exagero qualificar de a fina flor da sociedade jardinense, sob o comando do Padre Miguel Coelho, um sacerdote culto, ativo e brilhante, que se movimentava com imaginação, espírito de iniciativa e empolgação.

A festa que promoveu em Jardim, na passagem do século, teve ressonância extraordinária. Fincou, nas fraldas do Araripe, lado norte, o Cruzeiro do Século, levado em procissão até a Chapada. A sessão litero-artística foi um deslumbramento, na opinião de minha mãe, que dela participou, como oradora.

O Padre Miguel Coelho escreveu 16 discursos, a serem proferidos por moças da sociedade local. O que coube a minha mãe pronunciar, ela o sabia de cor e o reproduziu, para mim e os netinhos embasbacados, inúmeras vezes, a última das quais com mais de 90 anos. Eu temia até que ela se sentisse mal, pois se exaltava, vibrava, ficava vermelha, não esquecia nem os aplausos da assistência, traduzidos nas expressões **Bravo, bravíssimo, mais que verdade!**

Guardo com carinho esse discurso, na cópia com letra de minha própria mãe. Se Deus não mandar o contrário, e espero que não o faça, ao transpor este século, vou recitá-lo para a família, reunida em confraternização. É uma peça literária de fino lavor. Ei-la, na íntegra:

"Luz e mais luz bradou um poeta moribundo. Que vejo? Luz. Luz amortalhando um século, luz enfaixando outro. Que bela é a luz, senhores! Como é formoso o Sol! Contemplai a Via Láctea. Que prodígio, que encanto!

A luz, porém, mais bela, senhores, não é a luz física dos corpos, é a luz invisível dos espíritos. Deus é luz. Que bela luz! Uma fagulha desta luz caiu na alma do homem e o homem, para logo, tornou-se o primor da criação.

Senhores, condensai toda luz estelar. Tudo isto será pequeno diante da luz que cintila no homem no começo deste século.

Acanhada é a minha expressão, débil é a minha voz, pálidas são as minhas idéias para fazer o panegírico do século que se extinguiu. Foi um século gigante. Guerras tremendas ensangüentaram-no, erros lamentáveis macularam-lhe o manto estrelado. Que quereis vós? O Sol tem manchas, os caracteres mais puros têm senões. A perfeição absoluta procurareis somente em Deus.

Os incontestáveis progressos do século XIX resgatam seus muitos defeitos. Um século é filho do outro, porque o presente está grávido do futuro, segundo a expressão de um sábio. Filho do século XIX, o XX haverá de receber a coroa imortal.

A perfectibilidade é uma lei impreterível do espírito humano. A meta do progresso não está plantada no tempo atual. Este mundo luminosíssimo, criado pelo trabalho do homem, contém em si o gérmen de novas florescências e o princípio dos mais avantajados progredimentos.

O homem, no dizer do filósofo grego, é um microcosmo, é a síntese do universo. Como são sempre enérgicas e ativas as forças cósmicas, sempre fecundo e criador é o nosso espírito. Nós, que temos nos olhos o cintilar das estrelas, na fronte a curva do céu, temos na mente a idéia, temos na mente o universal, o infinito, que é Deus.

Compreenderíeis o mundo sem o Sol, que oscula e fecunda a flor, desenvolve e amadurece o fruto, cria e conserva a vida nos animais, aquece e fertiliza a terra, tinge de púrpura a nuvem que balouça no céu, sobredoura a grimpa que mergulha no espaço e distende no horizonte a alvorada em que sorriem as cousas? O mundo seria a treva, a confusão caótica dominaria, se não fora o Sol. O Sol não cansa. Guerreiro de mil batalhas, leva preso pela atração os mundos do nosso sistema como outras tantas coroas aureolando sua fronte de rei.

Compreenderíeis o mundo sem o progresso que monta no dorso movedio do mar, o vapor que visita os continentes, estende no espaço os fios elétricos que conduzem as palavras, recolhe e reproduz no fonógrafo a palavra de nossos lábios, as harmonias de nossa garganta, copia a natureza, soletra o abecedário dos astros, desvenda os segredos da terra, subjuga todas as coisas, subordina-as ao serviço do homem, dourando a vida, poetisando tudo, mostrando aos nossos olhos

estupefatos maravilhas que se diriam produtos de contos orientais?

Apagai, senhores, esta luz que nos ilumina e nós voltaremos às florestas, às grutas, à vida nômade, à idade da pedra, que se perde para nós em remotíssimo passado.

Mas essa luz não se apaga. Reacende-se, porque é filha do espírito, e o espírito é filho de Deus.

Faço votos a Deus para que as boas qualidades do século extinto sobrevivam no filho que desejo mais prudente, mais humanitário, mais amigo da ordem e da paz universal".

Anota o Barão de Studart que o Padre Miguel Coelho deixou vários trabalhos oratórios, mencionando: Conferência Literário-Filosófica no Gabinete de Leitura Barbalhense; discurso na inauguração do telégrafo em Jardim e admirável oração sacra no jubileu (o Barão usa a expressão **bodas**) de prata da Conferência Vicentina N. S. da Penha, do Crato.

Sua morte, aos 39 anos, foi muito sentida. Atribuíram-na a uma lesão cardíaca. O Dr. Napoleão Tavares Neves, na revista **Itaytera,** nº 30, deste ano, afirma que talvez o sacerdote tenha sido acometido de uma cardiopatia chagástica. Trata-se de um diagnóstico provável, segundo acentua, já que é uma doença antiga e havia, na época, como hoje, barbeiro na zona rural de Barbalha.

* * *

Creio que me estendi demasiado. Também, não era para menos. O livro da Professora Maria Alacoque de Lima Pereira evocou-me fatos históricos de ressonância e envolveu-me em suaves relembranças, que afagam o coração e deleitam o espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – CARVALHO, Jáder, de. **Antologia de João Brígido.** Fortaleza: Terra de Sol, 1969.

2 – NEVES, Napoleão Tavares. **Pe. Miguel Coelho: notas biográficas.** In: ITAYTERA. Crato, nº 30, 1986, p. 159-160.

3 – PEREIRA, Maria Alacoque de Lima. **Jardim, sua história e sua gente.** Fortaleza: 1987. 231 p.
4 – PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963. 555 p.
5 – POMBO, Rocha. **História do Brasil.** São Paulo: Melhoramentos, 1967, 454 p.
6 – STUDART, Barão de. **Dicionário bio-bibliographico cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 1910. 3v.